

CORÇOS NA SUÉCIA



Foi na Primavera do ano passado que, num dos vários fins-de-semana de esperas aos javalis um amigo e companheiro das lides monteiras me lançou o convite, quase o repto, dos corços na Suécia.

Porque este ia regressar a casa e tinha aceite uma propos-

ta para trabalhar numa propriedade sueca, no seu natural contentamento começou a contar-me histórias, realidades sobre corços, da sua densidade, da qualidade dos troféus e enfim, dos processos de caça no seu país natal. A tudo isto juntou uma pitada de informação sobre

os gamos e os veados e finalmente ainda, sobre os cobiçados alces.

Confesso que, nessa noite os corços começaram a sair dos meus sonhos e a tornarem-se realidade.

Contei esta conversa a dois amigos, companheiros de caça, os quais ficaram ainda mais



abraço maior que os seus braços.

Após as formalidades habituais (demasiado rápidas para o que estamos habituados) tomámos a estrada para Sturefors Slot, a 19 Km do aeroporto, onde os corços nos esperavam.

Então, naquela curta viagem de noite, foi o deslumbramento total. Os corços pululavam por tudo quanto era prado, beira de estrada, extrema de floresta e até junto aos quintais das casas de habitação.

Neste momento, e contrariamente ao que seria de esperar começámos a ter uma sensação desagradável. Com tanto corço, certamente seria muito fácil caçá-los e assim, se calhar, sem interesse; por outro lado só estávamos autorizados a abater três corços cada um, e neste caso teríamos que reprogramar toda a nossa estadia na Suécia. Contudo este sentimento desvaneceu-se completamente após o começo do período de caça.

Depois de uma noite mal dormida, consequência da excitação de ver tanto corço e alojados numa casa Viking do séc. XVI, onde não faltava nada do conforto moderno, o dia seguinte foi dividido em duas partes: manhã para verificação da regulação das armas e tarde para visita aos campos de caça. Aqui continuou o nosso deslumbramento já que as armas foram reguladas em carreira de tiro a 100 metros, com instalações que fariam inveja ao Exército Português e porque a propriedade de Sturefors com a sua fauna e flora são de uma beleza inolvidável.

A noite do dia 15 passou muito, muito depressa. Depois do jantar preparou-se o vestuário e a arma, e aprazou-se a saída para as 3 horas da manhã; nesta época do ano, na Suécia, o Sol nasce entre as 3.30h e as 4.00 horas da manhã e era



entusiasmados do que eu, e que prontamente manifestaram o desejo de me acompanhar. Mais tarde só um deles poderia desfrutar comigo esta maravilhosa aventura.

Porque a caça aos corços abre, na Suécia, a 16 de Agosto e após os vários preparativos na

antevéspera, eu e o meu amigo J. Camacho lá partimos acompanhados de armas e bagagens. Voo com escala em Copenhaga e ligação aérea em voo de carreira interna para Linköping, onde às 23.30h lá nos esperava o nosso amigo Johan Backlin, com um enorme sorriso e um



caça na europa

absolutamente necessário estar no campo antes dos corços começarem a sua actividade.

STUREFORS SLOT

A designação "slot" corresponde à existência no local de um castelo ou de uma casa senhorial. No caso presente trata-se de uma mansão do séc. XVII que habitualmente é utilizada

chas florestais de maior ou menor dimensão, nas quais predominam as coníferas e algumas caducifólias. Entrecortando estas manchas florestais encontram-se várias áreas abertas onde brotam os prados naturais ou as pastagens semeadas destinadas ao gado bovino (em maior escala) e a alguns ovinos. Estes prados que muito se assemelham aos "lameiros" do norte de Portugal, aparecem por

propriedade privada atinge parâmetros que nos espantam se os compararmos com as situações que estamos habituados a observar em Portugal.

Todos os anos e imediatamente antes de uma nova época de caça, os responsáveis por cada área tem de submeter à aprovação do organismo competente, o plano de tiro para esse ano, sendo este definido em função dos censos e observações efec-



pelos proprietários - Grão-Duque Gabriel Bielque e Condessa Catherine.

Em relação à propriedade em si, com uma área global de 2 600 ha, localizada em torno de um enorme lago central, revela uma organização e conservação impecáveis, quer a nível da exploração agrícola e florestal, quer a nível da gestão da caça. O coberto arbóreo é caracterizado fundamentalmente por man-

vezes semeados de gramíneas, onde predomina o trigo e a aveia.

É nestas áreas abertas que observamos as diferentes espécies cinegéticas existentes na região, com predomínio do corço, de algumas lebres, do gamo e do alce.

Deve-se salientar que, na Suécia, como aliás na esmagadora maioria dos países europeus, a caça é propriedade do dono da terra e o respeito pela

tuadas previamente, e do qual deve constar obrigatoriamente o número máximo de animais a abater de cada espécie, explicitando os tiros de troféu e os selectivos. Após esta aprovação, o responsável pela área é livre de escolher os processos de caça a utilizar para o efeito, que vão desde a espera e/ou aproximação até às batidas.

Só com uma boa e equilibrada gestão se pode compreender



que com invernos tão rigorosos - onde as temperaturas médias rodam os 20° negativos - com neve a permanecer cerca de 8 meses por ano, as diferentes populações animais continuam a aumentar todos os anos.

Só assim se compreende que o troféu mundial de corço seja sueco, e que também o 5º me-

lhor corço do mundo não só seja sueco, como também tenha sido cobrado nesta mesma propriedade em 1992.

Por outro lado, e segundo dados do O.N.F. (Office National des Forêts - França) referentes a 1991 a Suécia é o 3º país europeu em densidade de corços - apenas ultrapassado pela

Alemanha e Áustria - estimando-se a sua população actual em cerca de 1 000 000 de cabeças. As condições que observamos no local são ainda tais, que apesar de tão grande densidade de corços constactámos que cerca de 1/3 das fêmeas observadas se faziam acompanhar de duas crias gêmeas.



Rufaraia

SOC. DE PRODUÇÃO E EXPLORAÇÃO
CINEGÉTICA DA RAIA CENTRAL, LDA.

*criação de perdizes em cativoiro - certificadas pelo Instituto Florestal -
fornecimento para re povoamentos, soltas e largadas de perdizes.*

Apartado 5 - 6355 VILAR FORMOSO - Tel. (071) 53 507 - Fax. (071) 53 548
Exploração: Vale de Barros - E. N. 324, km 107 (ALTO DE LEOMIL) - Tel. (071) 90 089



Em suma, trata-se de um país onde não encontramos qualquer sinal referindo a permissão ou interdição de caçar, mas onde qualquer caçador não proprietário se isenta de ultrapassar os limites de uma zona ou território sem primeiro solicitar autorização ao respectivo proprietário.

OS CORÇOS

A manhã do dia 16 de Agosto, dia da abertura da caça, nasceu cinzenta e chuvosa. Às 3.30h da manhã e com uma claridade igual à das 7 horas de qualquer dia de Agosto em Portugal, lá estava eu colocado no mirador que o Backlin me tinha preparado na margem do campo de alimentação, na área leste de Sturefors. Devido ao tempo húmido os corços começaram a

“mexer” mais tarde que o previsto e o primeiro seis pontas que se mostrou, passou-nos a 20 metros do mirador, descansadamente, sem nos sequer presentir. “É bom, mas não é este o que queremos”, segredou-me Backlin. “Espere-mos mais um pouco”. Fiquei admirado, pois para mim, apesar de completamente inexperiente nesta caça e de acordo com os vários “estudos” que tinha previamente efectuado, aquele corço mais que merecia o tiro. As hastes eram perfeitas, bastante compridas e o perlado bem visível.

Até às 10 horas da manhã, nada mais aconteceu. Apenas uma fêmea acompanhada da cria se dignou comparecer no prado para comer.

O meu acompanhante começou a mostrar algum nervosismo, devido não só ao adiantado da hora, como também ao facto de “aquele que esperávamos”

não comparecer ao encontro. Tomada a decisão de abandonar o mirador, decidimo-nos por espreitar a parte mais baixa e distante do prado, menos visível do local onde nos encontrávamos. Movimentação mais que lenta e cuidadosa, passos medidos, e muitas, muitas observações com binóculos por tudo o que era canto, prado mais alto e beira da floresta. Mas do nosso corço nada. Esperámos mais uns minutos. Johan Backlin tenta então outra estratégia. Tratando-se, segundo dizia, de um velho macho territorial, podia ser que viesse ao desafio de outro macho. Então com uma pequena folha, simula o grito estridente de um macho; uma vez, duas vezes e esperamos. Alguns segundos depois do chamariz, sinto uma cotovelada acompanhada de um enorme sorriso. Lá estava o “nosso corço” no



Um corço excepcional, com uma cabeça atípica e que de acordo com o meu guia seria certamente medalha.

meio do prado e como que nascido do chão, já que nenhum de nós o viu "entrar" de nenhum lado. Observado por alguns rápidos segundos pelos binóculos foi fácil concordar que valia muito mais o tiro que o primeiro.

Depois de cobrado a nossa alegria foi enorme, pois tratava-se de um corço excepcional, com uma cabeça atípica e que de acordo com o meu guia seria

certamente medalha; rosetas desmedidas de tamanho e perlado também excepcional. Mais tarde confirmou-se a nossa expectativa; na medição oficial o corço deu 128.87 pontos, confirmando-se uma medalha de prata, quase ouro; a pesagem em seco - realizada 3 meses mais tarde confirmou o peso de 530 gramas. Para estreia não estava nada mal!



Um segundo corço muito bom, que foi premiado com bronze e que atingiu 114,82 pontos e 465 gramas.

ESPINGARDARIA

Lord

Weatherby®

IMPORTADOR EXCLUSIVO

AGORA



EUROMARK

CAL 270
7MM REM MAG
30.06
300 W M
338 W
375 H e H MAG

Rua General Justiniano Padrel, 3-A
Tel.: (01) 8128200 Fax: (01) 8150953
1100 LISBOA



caça na europa

Nessa mesma manhã o meu companheiro de caça tinha conseguido também um bonito seis pontas que rondou o limite do bronze, apesar de não ter sido medalha.

Contudo, o melhor de todos os corços foi aquele que não consegui cobrar. Tratava-se de um fantasma, tipo “senhor da floresta” já que nunca tinha sido observado.

No meu segundo dia de caça, à tarde e quando nos dirigíamos para um dos campos de caça, localizámos a cerca de 500 metros, na orla de uma clareira, um corço que atarefadamente perseguia uma fêmea (nessa manhã tínhamos observado os primeiros sinais do cio). Após observação com telescópio de 30 ampliações verificámos tratar-se uma cabeça espectacular com cerca de 50 cm de comprimento, muito grossa e perlada; seis pontas mais que nítidas. O problema que se colocava era o da aproximação, pois que estando nós numa área completamente descoberta, se bem que com bom vento, a aproximação era quase impossível. Estudado o terreno decido-me por um largo arco de círculo que me poderia colocar junto a uma pequena elevação de terreno a cerca de 70 metros do corço. O mais difícil era conseguir lá chegar sem ser detectado.

Aproximação muito penosa, frequentemente rastejando, cansado e inundado por um nervosismo que a adrenalina propicia nestas circunstâncias, consigo finalmente atingir a elevação de terra. O corço lá continuava, às voltas com a fêmea, sem sequer se ter apercebido da minha presença no local.

Como se depreende a minha satisfação foi enorme, pois que o pior do lance tinha sido conseguido. Agora tratava-se apenas de apoiar a carabina em posição de deitado e disparar. Ultrapassado o ritual de tirar a se-



Um terceiro que apesar de não ser medalha é um seis pontas bastante bonito e perfeito.

gurança, armar o gatilho de cabelo, preparo-me para disparar com a nítida convicção de já estar a ver o corço no chão.

Engano! mais fácil foi o que ficou por cumprir, pois ainda hoje estou para saber como errei tão bom animal a tão curta distância.

É assim a caça. A beleza dos lances não está só nas dificuldades ultrapassadas e nos tiros “bonitos” mas também nas tentativas goradas e nos tiros errados. Aquele corço lá ficou para

este ano com um troféu que poderá vir a ser ainda melhor.

O João Camacho, por outro lado, sendo um caçador mais calmo e também mais afortunado do que eu, na tarde do segundo dia já tinha cumprido a sua missão, pois o terceiro corço estava cobrado. Para este a caçada saldou-se em três troféus dos quais um se confirmou medalha de bronze e os restantes dois ficaram muito próximo deste. Todos os seus troféus ul-





tinhamos cinco dias completos disponíveis para esse efeito.

O prazer da deslocação foi tão grande como o contentamento pelos resultados obtidos e mesmo antes do regresso eu e o Camacho assumimos de imediato o compromisso de voltar na próxima época, pois a qualidade obriga.

O EQUIPAMENTO UTILIZADO

Quanto a este, dispense-me de fazer uma relação exaustiva de todo o material e vestuário utilizado, não só porque o assunto já foi referenciado em anterior artigo publicado na revista, mas também porque cada caçador tem o seu equipamento específico para caça de aproximação. Assim referirei apenas o equipamento de caça que utilizei e deixarei também presentes algumas recomendações para quem pretender caçar na Suécia, nesta época do ano.

Texto e Fotografias:
Rui Piteira

Pontuação de Corços Suecos

105 - 114.99 - Bronze
115 - 129.99 - Prata
> 130 - Ouro



trapassaram os 400 gramas de peso em seco.

Pela parte que me coube consegui ainda um segundo corço muito bom (que foi premiado com bronze e que atingiu 114,82 pontos e 465 gramas) e ainda um terceiro que apesar de não ser medalha é um seis pontas bastante bonito e perfeito. Claro está que o mais demorado no cumprimento da tarefa fui eu, pelo facto de ter errado. Assim mesmo, ambos tínhamos cobrado os três corços que tinham sido acordados apenas em três dias de caça (seis saídas) quando

Carabina - VOERE calibre 270 W equipada com óculo Bushnell 2,5-10 x 45.

Munição - Winchester PSP de 150 grains (aconselham mínimo de 100).

Binóculos - 8 x 40.

Canivete - De múltiplas funções e pequena faca com lâmina Skinner.

Repelente de insectos - 3 embalagens absolutamente necessárias sob pena de ser "comido" vivo pelos mosquitos.

Vestuário - Quente e impermeável (Tipo Barbour pouco aconselhável pelo barulho que faz nas aproximações difíceis). Botas de borracha e meias de lã são imprescindíveis. Se possível, utilizar calças próprias para o efeito, com protecção para a entrada das botas, e impermeáveis. Os modelos fabricados na Suécia são excepcionais já que não fazem barulho e impedem que se fique encharcado pela humidade dos pastos quando se tem que rastejar ou andar de joelhos.